

FREE BOOKS



UM ARDIL

GUY DE MAUPASSANT

GUY DE MAUPASSANT

UM ARDIL

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: “Um Ardil”

Autor: Guy de Maupassant (1850 – 1893)

Tradução: Autor desconhecido do início do séc. XX. Conto publicado originalmente na revista Fon-Fon, edição de 17 de fevereiro de 1915. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa: Eva Gonzalèz (1849 - 1882)

Leiaute da capa: Canva

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 21

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, “*caput*” e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[UM ARDIL](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

UM ARDIL

Conversavam junto do fogo o médico e a moça doente. Ela sofria desses incômodos femininos que têm muitas vezes as mulheres bonitas. Um pouco de anemia, nervos e um pouco — muito pouco — de fadiga, esta fadiga que sentem os noivos no fim do primeiro mês de seu casamento, quando fazem casamento de inclinação.

Estava estendida na *chaise-longue* e conversava.

— Não, doutor, eu jamais compreenderei como é que pode uma mulher enganar o marido. Admito que não o ame, que não faça caso de seus juramentos nem de suas promessas, mas ousar entregar-se a um outro homem... Como esconder este delito? Como poderá amar no meio de mentiras e traições?

O médico sorriu.

— Quanto a isto, é fácil. Garanto-lhe que quando a mulher tem vontade de se entregar, não tem tempo de pensar nisso tudo. Estou mesmo certo de que uma mulher não está completa para o amor verdadeiro senão depois de ter passado por todos os embaraços e desgostos do casamento, que não é mais, segundo pensa um homem ilustre, do que uma troca de maus humores. Uma mulher não pode amar apaixonadamente senão depois de casada. Se eu a comparar a uma casa, diria que não ficaria habitável senão depois que o marido tivesse secado o reboco. Quanto à dissimulação, todas as mulheres são exímias nessa ocasião. As simples são maravilhosas e sabem sair com grande habilidade dos casos mais difíceis.

Mas a moça mostrava-se incrédula...

— Não, doutor, só se pode resolver depois de ter experimentado as ocasiões perigosas. E as mulheres são ainda mais fáceis de perder a cabeça que os homens.

O médico protestou:

— Depois do caso passado? Nós homens não temos inspiração senão depois do caso passado. Mas as mulheres!... Alice, vou contar-lhe uma pequena história que se passou com uma de minhas clientes e por quem eu punha então a mão no fogo sem hesitação. Isto passou-se numa cidade da província. Uma

noite, quando depois de já ter adormecido, num primeiro sono difícil de interromper, pareceu-me, num sonho obscuro, que os sinos da cidade tocavam a rebate. De repente, acordei. Era a campainha da minha porta da rua que tocava desesperadamente, sem parar. Como o meu criado demorava a responder, agitei também o cordão pendurado à minha cabeceira e ouvi então bater a porta, e passos soaram no silêncio da casa adormecida. Depois Jean apareceu com um cartão, dizendo:

‘— Mme. Lelièvre pede ao doutor Simeon que faça o favor de ir à sua casa imediatamente.

“Eu pensei comigo mesmo: crise de nervos, gases, tudo isto, e estou cansado. E respondi que, estando incomodado, pedia-lhe o favor de chamar em meu lugar o meu confrade M. Bonet. E tornei a adormecer. Meia hora depois, a campainha da rua tocou de novo e Jean veio dizer-me:

‘— É alguém, homem ou mulher (não posso dizer direito, dada a maneira com que se acha disfarçado), que quer falar depressa com o senhor. Diz que disto depende a vida de duas pessoas.

‘Levantei-me e mandei que entrasse. Fiquei esperando, sentado na cama. Uma espécie de fantasma negro apareceu assim que Jean saiu. Era Mme. Berthe Lelièvre, uma jovem mulher casada há três anos com um comerciante atacadista da cidade, que passava por ter desposado a mais bela moça da província. Estava horrivelmente pálida, com a fisionomia transformada das pessoas assustadas. Suas mãos tremiam. Por duas vezes, tentou falar sem conseguir pronunciar uma palavra. Por fim, balbuciou:

‘— Depressa, depressa, doutor... venha... meu amante morreu no meu quarto...

“Parou, sufocada; depois continuou:

‘— Meu marido vai voltar... voltar do clube...

“Saltei da cama, sem reparar que estava em camisa, e vesti-me em pouco segundos. Depois, perguntei:

‘— Foi mesmo a senhora que veio há pouco?

“Ela respondeu:

‘— Não... foi a criada... ela sabe...

“E depois de um silêncio:

‘—...Eu tinha ficado junto dele.

“E um grito de dor saiu-lhe dos lábios e, depois de uma sufocação, chorou, chorou, com soluços e espasmos durante um minuto ou dois. Finalmente, as suas lágrimas, de repente, pararam, secaram, como se por dentro dela houvesse fogo. E, tragicamente calma, disse:

‘— Vamos depressa.

“Já estava pronto, mas quis chamar meu carro, quando ela me disse não ser preciso, por estar o seu esperando em baixo.

“Partimos.

“Quando sentou-se a meu lado, no carro, tomou-me a mão, apertando-a com força, e disse:

‘— Se soubesse como estou sofrendo! Amava-o como louca há seis meses!

“Perguntei:

‘— Estão acordados em sua casa?

‘— Não, ninguém. A não ser eu e Rose, que de tudo sabe.

“Paramos à sua porta. Com efeito, tudo dormia em casa. Entramos sem barulho e subimos nas pontas dos pés.

“A criada, assustada, sentara-se no alto da escada, sem ousar ficar junto ao morto.

“Entrei no quarto.

“Estava tudo desarranjado como depois de uma grande luta.

“A cama desmanchada, amarrotada, um lençol molhado no chão. Guardanapos molhados, com que haviam esfregado as têmporas do moço, jaziam no chão, ao lado de uma bacia e um copo. Um esquisito cheiro de vinagre de cozinha misturado a loção de Lubin enjoava desde a porta.

“Ao comprido e de costas, no meio do quarto, estava estendido o cadáver. Aproximei-me. Examinei-o, apalpando-o. Abri-lhe os olhos e vi-lhe as mãos. Depois, voltando-me para as mulheres que tremiam como se estivessem geladas, disse-lhes:

‘— Ajudem-me a levá-lo para a cama.

“E o deitamos devagar.

“Estão escutei-lhe o coração, pus-lhe um espelho defronte da boca e murmurei:

‘— Está tudo acabado. Vamos vesti-lo depressa.

“Foi uma cena difícil de se ver!

“Eu segurava o corpo, enquanto as duas mulheres vestiam-no.

“Depois, calçamos-lhe as botinas, com grande dificuldade, pois os pés haviam inchado e as botinas custaram a abotoar, sendo preciso que as duas mulheres abotoassem com grampos que tiravam dos cabelos.

“Depois da horrível toaleta acabada, considerei a obra e disse:

‘— É preciso penteá-lo um pouco.

“A criada foi buscar um pente e a escova da patroa. Mas, como estava trêmula, arrancava, com movimentos involuntários, cabelos embaraçados.

“Vendo isto, Mme. Lelièvre tirou-lhe o pente das mãos e começou, delicadamente, a penteá-lo. Fez-lhe a risca, escovou a barba, enrolou os bigodes nos dedos como estava habituada, com certeza, a fazer, e, de repente, largando tudo o que tinha na mão, atirou-se sobre o corpo, beijando-o com fervor e dizendo, com voz despedaçada:

‘— Adeus, meu queridinho!

“Mas o relógio bateu meia-noite. Tive um sobressalto:

‘— Meia-noite é a hora em que se fecha o clube. Vamos, é preciso coragem.

“Ela levantou-se e eu ordenei. Levamos o cadáver ao salão. Lá, sentei-o no sofá e acendi todos os candelabros.

“A porta da rua abriu-se e fechou-se sem barulho. Era o marido que chegava. Gritei:

‘— Ande, Rose, traga-me os guardanapos e a bacia e faça o quarto; mas, depressa, por amor de Deus!

“Eis que entra M. Lelièvre.

“Ouvi os passos subirem e aproximarem-se.

“Mãos, na escuridão, apalparam as paredes.

“Então chamei:

‘— Por aqui, meu caro. Temos um acidente.

“E o marido, estupefato, apareceu com um cigarro à boca:

‘— O que há? O que houve? O que é isto?

“Fui a ele e expliquei:

‘—Meu amigo, estou muito atrapalhado. Imagine que fiquei até mais tarde a palestrar com sua mulher e o nosso amigo, que me tinha trazido no seu carro, quando ele caiu de repente. E lá vão duas horas que, apesar das fricções e cuidados, não conseguimos fazê-lo tornar a si. Como não quis chamar estranhos, você vai ajudar-me a fazê-lo descer. Eu o tratarei melhor em sua casa.

“O marido, surpreendido, mas sem de nada desconfiar, tirou o chapéu. Depois, segurou por baixo dos braços o seu rival agora inofensivo. Eu peguei-lhe as pernas e descemos a escada. Assim que chegamos à porta, levantei o cadáver e falei-lhe de maneira a enganar o cocheiro:

‘— Vamos, meu caro amigo. Isso não é nada. Já se sente melhor, não é? Coragem! Faça um pequeno esforço e está acabado.

“Sentido que ele ia escorregar, e que me resvalava entre as mãos, dei-lhe um grande empurrão que o fez cair no fundo do carro, e depois subi.

“O marido, inquieto, perguntou-me:

‘— Acha que seja grave?

‘— Não — respondi, sorrindo, e olhei para a mulher. Ela tinha dado o braço ao marido e mergulhava um olhar fixo no fundo escuro do carro.

“Apertei-lhe as mãos e dei ordem de partir.

“Quando chegamos à sua casa, disse que ele tinha desmaiado no caminho.

“Ajudei a leva-lo para cima e, depois, fingi reconhecer a sua morte. Passei

o atestado, representando de novo uma comédia diante da família desolada.

“Afinal, voltei para a minha cama, tendo antes amaldiçoado os amantes”.

O doutor calou-se, sorrindo sempre.

A moça, nervosa, perguntou:

— Mas porque me conta esta pavorosa história?

Saudando-a amavelmente, o médico acrescentou:

— Para lhe oferecer os meus serviços na primeira ocasião.

SOBRE O AUTOR

Henry René Albert Guy de Maupassant (1850 – 1893) é um dos mais festejados contistas do século XIX. Discípulo de Flaubert, Maupassant deixou mais de 300 contos, que vão da crítica social (“Bola de Sebo”) e da crônica de costumes (“Um Ardil”) ao fantástico (“A Morta”) e ao terror (“O Horla”).